

Sobre a extinção da FCT e a criação da nova Agência de Investigação e Inovação

O anúncio da extinção da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e a criação da nova estrutura denominada Agência para a Investigação e Inovação constitui uma mudança profunda na forma como se organiza e financia a Ciência em Portugal.

É compreensível a ambição de reforçar a articulação entre ciência e inovação, potenciando o impacto económico e social do conhecimento produzido no país. Também é legítimo reconhecer que a FCT precisava de reformas para melhorar a eficiência e a previsibilidade dos seus processos. Nesse sentido, esta transformação pode ser encarada como uma oportunidade.

Contudo, a experiência internacional mostra de forma consistente que ciência fundamental e inovação aplicada têm natureza, tempos e necessidades de financiamento distintos, embora complementares. Em praticamente todos os países mais avançados, estas duas dimensões são apoiadas por instrumentos diferenciados: o European Research Council (ERC), dedicado à investigação fundamental, e o European Innovation Council (EIC), centrado na inovação, são exemplos claros dessa separação virtuosa.

A história da ciência demonstra igualmente que muitas das maiores inovações tiveram origem em investigações cujo valor imediato não era aparente: das equações de Maxwell que anteciparam as telecomunicações, à mecânica quântica que permitiu a eletrónica moderna, às geometrias não euclidianas, cujo estudo topológico necessitou de muitas décadas e teve relevância no desenvolvimento do sistema GPS, ou ao Teorema de Kolmogorov-Arnold, dos finais da década de 50, do século passado, que serve hoje de pilar ao desenvolvimento das KAN (Kolmogorov Arnold Networks), no domínio da inteligência artificial. Estas descobertas nasceram da liberdade de investigar questões fundamentais, sem pressão para aplicações ou valorização económica imediatas.

É neste ponto que reside a nossa maior preocupação: que a nova Agência de Investigação e Inovação não reduza a ciência a um mero instrumento de competitividade económica de curto prazo, desvalorizando o papel transformador da investigação fundamental. Tal risco poderia comprometer o desenvolvimento de conhecimento original, enfraquecer parcerias internacionais estratégicas, dificultar a atração e retenção de talentos e limitar o contributo de Portugal para os grandes desafios globais.

A Matemática ilustra bem esta realidade. É simultaneamente uma ciência com aplicações transversais e um campo de investigação fundamental, cujos resultados podem demorar décadas a revelar todo o seu impacto. Nas últimas décadas, com apoio da FCT, a investigação matemática em Portugal alcançou projeção internacional, elevando a reputação das universidades portuguesas e contribuindo para a formação de gerações de cientistas e inovadores. Esse património não pode ser colocado em risco por falta de reconhecimento da especificidade da área.

Assim, o Centro Internacional de Matemática, a Comissão Nacional de Matemática, a Sociedade Portuguesa de Estatística e a Sociedade Portuguesa de Matemática apelam a que, na criação da nova Agência de Investigação e Inovação, seja garantida:

- A valorização explícita da ciência fundamental, assegurando que esta dispõe de instrumentos próprios de financiamento, estáveis e competitivos.
- A autonomia estratégica e científica das universidades e centros de investigação, preservando a capacidade de desenvolver investigação independente e de longo prazo.
- A integração plena das Ciências Matemáticas, reconhecendo o seu papel específico no ecossistema científico e tecnológico nacional e internacional.

Estamos convictos de que apenas um sistema equilibrado, que apoie tanto a investigação fundamental como a inovação aplicada, permitirá a Portugal afirmar-se como uma nação de conhecimento, capaz de responder aos desafios contemporâneos e de oferecer às novas gerações oportunidades científicas e profissionais ao nível dos países mais desenvolvidos.

Reiteramos, por fim, a nossa inteira disponibilidade para colaborar de forma construtiva neste processo, contribuindo com experiência e conhecimento para que a transição resulte no fortalecimento da Ciência e da Inovação em Portugal.



Jorge Miguel Milhazes de Freitas
Presidente do Centro Internacional de Matemática



António Malheiro
Presidente da Comissão Nacional de Matemática

Luís Filipe Meira Machado
Presidente da Sociedade Portuguesa de Estatística



Eugénio Alexandre Miguel Rocha
Presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática